

## 5 Conclusão

A exigente tarefa de aprofundar a teologia do Espírito Santo limitou-se a aprofundar alguns elementos de um tema vasto, complexo e fascinante, a partir da contribuição teológica de Víctor Codina. Este estudo não traduz, portanto, nem esgota a riqueza teológica acumulada durante o longo itinerário do autor.

Deteve-se nos aspectos mais relevantes que se relacionam com os desafios da teologia, da evangelização, da vida eclesial.

A importância da pneumatologia evidencia a carência de definições, que deem conta de uma realidade tão complexa e plural. A insuficiência teológica gera insegurança e leva a Igreja a recolher-se no passado.

Ouvem-se, ainda hoje, as palavras dirigidas a Paulo quando interroga os efésios: “Recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé? Mas nem ouvimos dizer que haja um Espírito Santo” (At 19,2).

Surpreendente é o fato de que no Ocidente o dom do *Espírito*, a *Ruah* de lahweh, o *Pneuma*, sopro e alento de vida, tenha sido tão esquecido e, porque não dizer, quase extinto, resultando em uma teologia do Espírito Santo insuficiente e, conseqüentemente, uma eclesiologia limitada.

O Concílio Vaticano II empenhou-se em recuperá-la, mas, apesar de todo esforço, cinquenta anos depois, constitui um grande clamor do Espírito que sobe do Ocidente, desafiando homens e mulheres a se colocarem no serviço teológico que devolva ao Espírito o seu lugar junto ao Filho, as *duas mãos* do Pai, a fim de que, em perfeita comunhão e solidariedade, prossigam com a missão de criar e recriar a humanidade e todo o cosmo.

Os sinais da ação do Espírito estão presentes em toda a história salvífica. Do Gênesis ao Apocalipse, uma força divina, misteriosa e sutil gera vida e comunhão, suscita profetas, anima o Povo de Deus, o mantém na esperança e o impulsiona a caminhar pelas trilhas do direito e da justiça.

Na força e novidade do vento, do fogo, da água, da unção, da pomba, percebe-se a presença e a ação da *Ruah*, que esvoaçando sobre o caos inicial tudo vivifica, fala pelos profetas, prepara a vinda do Messias, O faz nascer de Maria, O unge, guia Sua vida e Sua missão e O transforma no Novo Adão ao vivificá-Lo na ressurreição.

Diante de toda evidência e de toda fecundidade, como se pode esquecer o Espírito ou extingui-Lo? O Espírito não se opõe a Cristo, mas é Ele que torna possível a encarnação do Verbo. Sem o Espírito, a Palavra não teria criado o

mundo. Sem o Espírito, não haveria criação, nem salvação. Sem o Espírito, a comunidade dos seguidores de Jesus não teria se constituído, nem teria se expandido e subsistido no tempo, em meio ao revés da história e da fragilidade humana. Ele tece o percurso da Igreja e a mantém em continuidade apostólica, enriquecendo-a com seus dons e com seus carismas.

Silenciado, o Espírito não silencia. Cheio de criatividade, misteriosamente mantém viva a fé cristã, suscita santos, mártires, místicos, profetas, pastores, missionários, catequistas, teólogos e mestres, frutifica os sacramentos. Possibilita que as mães transmitam a fé aos seus filhos e os pobres sejam socorridos, que a esperança seja revigorada e que os pecadores sejam perdoados, que os anciãos tenham confiança em Deus na hora da morte.

Diante de uma Instituição Hierárquica que se afasta das fontes evangélicas, se torna dona absoluta da verdade, busca mais o poder e o prestígio que o bem do povo, o Espírito suscita pessoas e movimentos que a partir do deserto, da periferia, da fronteira, da margem, a interpelam para voltar às fontes e discernir os sinais dos tempos.

O Espírito Santo, qual vento que sopra onde quer, está em cada pessoa, esvoaçando sobre o caos da contingência humana, onde pulula a vida. Qual fogo sob cinzas, oportunamente faz a luz brilhar, a vida nascer e renascer. O Espírito se agita em cada pessoa, impulsionando-a à plenitude da filiação divina, para a qual toda a humanidade é chamada em Cristo Jesus.

A fé é dom de Deus, mas a descoberta do seu amor, manifestado em Jesus Cristo, necessita de mediações. Só o encontro com Jesus Cristo é capaz de dar um novo horizonte para a vida humana (DCE 1). Mas, só o Espírito pode engendrar as disposições que possibilitam esse encontro e o acolhimento do Reino.

Uma fé, fundamentada na aceitação de dogmas e doutrinas, se revela muito frágil. A Conferência de Aparecida afirma a decisiva e fundamental importância da iniciação ao Mistério como possibilidade para o encontro com o Senhor que resignifica a existência humana (DAp 29). A Igreja, nesse sentido, coloca-se como mistagoga, ou seja, mediadora da experiência que é dom do Espírito e está na base de toda autêntica teologia. Sem uma experiência profunda do Espírito a fé não subsiste. A vida cristã é vida segundo o Espírito.

Este estudo deparou-se com uma Igreja fortemente ancorada nos aspectos doutrinários e institucionais, modelo eclesial estruturado no polo cristológico que se esgota. Reafirma-se, portanto, a absoluta necessidade do equilíbrio entre cristologia e pneumatologia e da superação do cristomonismo que se impôs

durante a cristandade. A Igreja, que se caracteriza mais como instituição jurídico-sacramental, deve esforçar-se para que a vida cristã se torne vida segundo o Espírito e, por isso mesmo, mais contemplativa e mística, aberta ao Mistério inefável, e sua teologia mais apofática. Este, sem dúvida, constitui o maior desafio para a Igreja latina.

A história da Igreja, com sua grandeza e pequenez, revela a essencialidade do Espírito na vida eclesial e na teologia, sem o qual a Igreja se reduz a uma instituição jurídica, e a teologia torna-se uma ciência filosófica.

O Espírito é dinamismo, força e ação, mas não tem corpo nem mensagem própria, seu corpo é a *ekklesía* e o seu conteúdo é a Boa Nova de Jesus Cristo. Manifesta-se em meio aos condicionamentos e limitações humanas, históricas e culturais, impondo-se a necessidade de discernir a origem e o fim das vozes proféticas, tendo como parâmetro Jesus de Nazaré, o crucificado e ressuscitado, o horizonte do Reino, em referência aos pobres e na comunhão eclesial.

Diante de tudo quanto se opõe ao Reino, a presença e a ação do Espírito se revelam de forma mais objetiva no profetismo. Escutar e discernir a voz do Espírito que fala à Igreja hoje deve levar em conta que o Espírito também fala na voz daqueles que acreditam na possibilidade de uma Igreja de comunhão, Povo de Deus, missionária, profética, comprometida com a vida e os pobres.

Na América Latina, a partir de Medellín, a Igreja escuta o clamor dos pobres. Suas entranhas se compadecem e se comprometem com a defesa da vida e a libertação de toda opressão em vista do Reino. No seguimento de Jesus pobre e humilde de Nazaré, confia na presença do Espírito que atua no povo e promove a sua libertação integral, de formas diversas e criativas.

A solidariedade com os pobres possibilita uma verdadeira experiência espiritual, um encontro com o Senhor, o Servo. Nos crucificados do mundo encontra o Crucificado de Nazaré. Não se trata apenas de indignação moral, mas da experiência misteriosa de comunhão com o Cristo pobre nos pobres e pequenos. Os pobres emergem como os bem-aventurados do Reino.

Ao compartilhar a vida dos pobres, a Igreja traz à luz seus valores humanos e religiosos, sua fé profunda, a religiosidade festiva, a solidariedade hospitaleira, a economia comunitária, o respeito pela natureza e pela Terra, a sabedoria diante da vida e da morte, a reciprocidade entre varão e mulher, o sentido comunitário e da tradição. A experiência vital destes povos emerge como uma cultura alternativa à modernidade.

A teologia latino-americana toma consciência da perspectiva cultural e amplia o horizonte do pobre como lugar teológico. Reconhece que a realidade

não se esgota na análise socioeconômica e as mediações sócio-analíticas tornam-se insuficientes.

A razão moderna passa a conviver com a razão simbólica, que possibilita a compreensão das dimensões antropológicas. A mulher, o indígena e o afro-americano, são mais que uma subclasse social. Os mais pobres entre os pobres são diferentes, sujeitos de uma riqueza cultural própria, portadores de valores humanos, religiosos, culturais, que evidenciam os antivalores da modernidade.

A irrupção dos pobres na teologia constitui um sinal dos tempos, um verdadeiro kairós, a ser assumida pela teologia que se quer cristã. Os pobres, aos quais Deus revela os mistérios do Reino, evangelizam e oferecem a perspectiva evangélica para a interpretação da Palavra.

Uma teologia que não escuta o clamor dos pobres torna-se cúmplice da injustiça estabelecida e, portanto, para ser profética precisa ouvi-los.

Para Codina, sem a mediação dos pobres, a fé e a teologia se convertem em perigosa ideologia. Sem a referência aos pobres, a fé, o Evangelho e a Igreja não podem ser plenamente compreendidos e nem vividos. Os pobres são por si só profecia viva que denuncia todo esquema de morte e de opressão.

O Reino escatológico se realizará plenamente no fim dos tempos, mas a esperança escatológica da salvação é alimentada pelos sinais concretos de amor e libertação histórica, que de alguma maneira antecipam o Reino futuro. A salvação espiritual se traduz e se antecipa na libertação histórica. Nesse horizonte, compreende-se porque fora dos pobres não há salvação. O Espírito, que conduz a história à plenitude, faz o povo, sem nenhuma esperança, caminhar para o Reino, na absoluta confiança em Deus. Este é o grande desafio, a razão última do debate teológico da libertação.

Ser cristão onde a maioria passa fome e vive à margem da sociedade, em condições de miséria e exclusão, é mais que seguir uma doutrina, uma ética, um rito ou uma tradição religiosa. Viver sob o dinamismo do Espírito requer atitudes concretas de repúdio e denúncia de toda forma de injustiça, de compromisso com a transformação da realidade, de solidariedade com os pobres.

No entanto, as exigências de fazer parte da comunidade de Jesus e continuar seu projeto na história nos superam. Por isso, o Espírito prometido é derramado sobre Seus discípulos (Jo 14-17). O Espírito, que é força e alento de vida, anima, vivifica, guia, santifica, socorre aqueles que se comprometem com esta missão e faz passar da ética à mística do seguimento de Jesus Cristo.

Abrir-se à pneumatologia a partir de uma cristologia libertadora é uma tarefa que a teologia latino-americana tem pela frente. Na teologia codiniana a

causa dos pobres ocupa o centro de toda a ação evangelizadora e a tarefa de *descer os pobres da cruz* é compromisso que ultrapassa as fronteiras da Igreja, da fé cristã e das religiões.

Crer que o Espírito Santo atua na Igreja e no mundo, de forma criativa e às vezes inusitada é outro desafio para a Igreja desse tempo. O despertar da dimensão religiosa e a revalorização do sagrado sinalizam a busca de sentido e, em tempos de incertezas, o novo messianismo promete um contato direto e imediato com o Absoluto e incentiva a busca de soluções milagrosas. Neste horizonte, a Renovação Carismática suscita interrogações e requer atenção. Não se pode negar, porém, que Deus transforma vidas e recria a história. Ele visita seu povo, caminha com ele, faz do ser humano uma nova criatura.

Víctor Codina revelou-se um peregrino no seguimento de Jesus Cristo, na esperança de que o Senhor misericordioso enxugará toda lágrima e cessará todo pranto, quando o Reino triunfará na Nova Jerusalém.

Esta pesquisa evidencia tão somente as inquietações acerca do esquecimento e da fecundidade do Espírito na teologia ocidental, em contexto latino-americano. Portanto, em vez de indicações pastorais, prefere-se colocar questões que podem suscitar uma nova busca pelo sentido da presença e da ação do Espírito Santo no contexto eclesial e teológico latino-americano.

O que dizer de tanta resistência ao Espírito que é vida e verdade? Será que se tem medo de cair no abismo sem fim da novidade do Espírito, cujo dinamismo pode levar a um compromisso verdadeiro com o outro? Acredita-se realmente que o Espírito dirige a história? O Espírito, que sopra onde quer, é a nossa esperança.